

PERPETUAÇÃO DO *HABITUS* EM MENINAS-MULHERES PRECOCE DO SERTÃO NORDESTINO A PARTIR DO CURTA-METRAGEM *VIDA MARIA*

Bruno Alysson Soares Rodrigues¹

Universidade Estadual do Ceará

Daiana Gomes de Aguiar²

Universidade Estadual do Ceará

RESUMO: O presente trabalho pauta-se na análise crítica sobre a realidade das Meninas-Mulheres-Precoce do sertão do agreste nordestino e a perpetuação do *habitus* no cotidiano de cada uma delas a partir do filme curta-metragem brasileiro *Vida Maria*. Neste sentido, optamos por estudar como o *habitus* (DURKHEIM, 1995; BOURDIEU, 1983) se perpetua no cotidiano destes seres históricos e sociais através de uma educação – diga-se de passagem não-formal – pautada na cultura patriarcal do sertão nordestino – especificamente o sertão cearense –, isto é, na cultura tradicionalista e hierárquica que se mantém durante várias gerações nestas famílias que encontram-se isoladas da vida urbana – porém, não totalmente excluídas e isentas das implicações que este isolamento parcial acarreta para o cotidiano de cada uma destas famílias. Tendo em vista a complexidade de expor tais questões à tona em poucas páginas, elaboramos breves considerações sobre o contexto das relações de gênero.

Palavras-chaves: *Habitus*; Educação; Cultura.

¹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE) Campus do Itaperi. Endereço para contato: bruno.alysson@aluno.uece.br

² Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE) Campus do Itaperi. Endereço para contato: daianagomes14@gmail.com

1. Introdução

A execução deste trabalho científico é resultado de uma série de discussões e análises críticas sobre a realidade das Meninas-Mulheres-Precoce³ do sertão do agreste nordestino e a perpetuação do *habitus*⁴ no cotidiano de cada uma delas a partir do filme curta-metragem brasileiro *Vida Maria*, uma obra de Márcio Ramos criada em 2006, premiada no 3º Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo que fora realizado pelo Governo do Estado do Ceará, produzido em computação gráfica e finalizado em 35mm, o filme curta-metragem mostra personagens e cenários modelados com texturas e cores pesquisadas e capturadas no Sertão Cearense, no Nordeste do Brasil, criando uma atmosfera realista e humana.

Situamos nossos pensamentos para discorrer considerações e críticas sobre as relações de gênero no cotidiano das mulheres nordestinas a partir da ótica cinematográfica do filme curta-metragem *Vida Maria* e no fato de como a cultura de massa e do entretenimento, no nosso caso as películas do cinema, podem abranger determinados temas que estão arraigados no cotidiano da população de mulheres brasileiras, em especial neste trabalho a população feminina do nordeste, e como estes temas podem demonstrar a situação de uma parcela da população que ainda mantém inserida em seu modo de vida um *habitus* que se perpetua ao longo de suas vidas e que parece não mudar mesmo com o avanço contínuo da sociedade contemporânea, ou seja, analisando a personagem Maria relacionamos o fato de que as Meninas-Mulheres-Precoce do nordeste brasileiro ainda sofrem com o paradigma antigo de outrora que coloca a mulher, seja ela branca ou negra ou parda, em uma posição de chefe de domicílio em um período deveras cedo de suas vidas e que mistifica a imagem feminina, por vezes analfabeta, como submissa ao domínio masculino imposto pela mídia televisiva, permeando assim, classes sociais e gerações de famílias brasileiras que são chefiadas por Meninas-Mulheres-Precoce.

Para tanto, decidimos dissociar o cinema da indústria do entretenimento e cultura massificadora, pondo-o no centro de nossas atenções como instrumento que tem algum tipo de função social e não um objetivo puro e simples de abranger um determinado público e

³ Utilizamos o termo Meninas-Mulheres-Precoce para demonstrar o fato de que as crianças do sexo feminino, em determinados pontos do sertão nordestino, ainda carregam em suas vidas o fato de serem, de forma catastróficamente precoce, chefes de domicílio, tendo que aprender desde cedo a cuidar dos irmãos, realizar trabalhos braçais forçados para ter o que comer, abstendo-se inconscientemente, da infância que nunca tiveram e tampouco terão direito a desfrutar, de um período da vida que nunca tiveram e nem terão se quer dimensão de que lhes fora arrancado de forma silenciosa.

⁴ Concebo o conceito de *habitus* como um instrumento conceptual que me auxilia pensar a relação, a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos. Trata-se de um conceito que, embora seja visto como um sistema engendrado no passado e orientando para uma ação no presente, ainda é um sistema em constante reformulação. *Habitus* não é destino. *Habitus* é uma noção que me auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora *consciente* ora *inconsciente*. *Habitus* como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. (SETTON, 2002, p. 61, grifo nosso)

difundir uma certa ideologia. Segundo Graeme Turner (1988) *apud* Santos (2010) há, na contemporaneidade, diversas tentativas de entender cinema e cultura, ou cinema e sua relação com ideologias expostas ao público.

Sendo assim, o curta-metragem aqui analisado, concomitantemente com as considerações realizadas expõe, talvez de forma indireta, uma dinâmica fundamentada nas relações de gênero em que os sujeitos são seres histórico-sociais que mantêm um *habitus* que se perpetua com e sem o auxílio de uma sociedade exterior à estes sujeitos, estando esta sociedade se desenvolvendo ou não, parece não haver preocupação destes seres humanos para com suas mudanças de perspectivas de vida, e, em se tratando da personagem Maria, percebemos que as mulheres são o foco principal desta perpetuação que imortaliza a imagem do ser feminino, seja ela branca, negra ou parda, como dona de casa, doméstica ou chefe de domicílio, situação esta que se permeia por inúmeros setores da sociedade brasileira e que silenciosamente se apropria da imagem do ser mulher e a difunde pelos vários setores e classes sociais que tem acesso aos meios de cultura massificadores.

Para Badinter (1985) *apud* Sifuentes (2009) o mito do amor materno prevalece em meninas, enfatizando desta forma, a imagem feminina desde cedo para com os cuidados diante de uma possível prole. Esta imagem perdura em inúmeras famílias do nordeste brasileiro. Em parte, atribuímos esta imagem à supremacia do domínio masculino para com a imagem feminina e ao modelo que a mídia contribui para manter na sociedade. Escosteguy (2001) *apud* Sifuentes (2009) afirma que Gramsci tem um conceito de hegemonia que permitiu perceber um movimento mais dinâmico e complexo na sociedade, admitindo tanto a reprodução do sistema de dominação quanto a resistência a esse mesmo sistema. Porém, no contexto das relações de gênero e seus sistemas de dominação, o que percebemos é que não há resistência alguma ao sistema de dominação masculino sobre o feminino e pior ainda, não há uma noção por parte da dominação masculina de que este domínio está ocorrendo e pela parte dominada de que o domínio existe, o que nos leva a acreditar que há, neste contexto, o exercício de um poder simbólico⁵, levemente inserido em omissão de consciência do exercício deste poder, omissão do *saber o que se faz*, por parte da dominação masculina, nas relações de gênero.

Diante de várias passagens do filme Vida Maria, e através da estória da personagem Maria e suas relações com o ambiente em sua volta, procurou-se investigar como o modo de vida de Meninas-Mulheres-Precoce no nordeste brasileiro tem relação com a imagem do ser

⁵ [...] Bourdieu em sua obra “O poder simbólico”, em que o conceito é definido como “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. (BOURDIEU, 1989 p. 07, 08 *apud* SIFUENTES, 2009 p. 138)

feminino na população brasileira tendo por fundamentação teórica a concepção do *habitus* em Pierre Bourdieu⁶. Neste sentido buscou-se relacionar o exemplo do *habitus* da personagem do filme com o *habitus* de inúmeros seres femininos que compartilham a mesma situação, porém, em classes sociais drasticamente diferentes em poder político e econômico.

2. Dissecando a anatomia da película *Vida Maria* e suas ideologias

O filme curta-metragem *Vida Maria* não carrega consigo o legado do cinema tradicional, não está inserido nos clássicos cinematográficos polêmicos da década de noventa que tanto emocionaram e marcaram a vida dos brasileiros, tampouco se mostra como crítica política ao sistema legislativo vigente no país. *Vida Maria* segue uma produção simplista, porém com muito esmero, através da computação gráfica em terceira dimensão, o que nos leva a acreditar facilmente que não há atores humanos, matéria física, na filmagem, ou seja, não há interpretações cênicas envolvendo improvisos humanos em momentos de furor.

O fato de não haverem humanos atuando em cena torna a película um tanto quanto mais interessante de se observar pelo fato de os personagens exprimirem, mesmo com movimentos programados em computador, mesmo que em algumas vezes não profiram nenhum som e mesmo parados em suas posições, seus papéis diante dos elementos alegóricos que compõem o local, a integração total com o meio em volta deles. Os diálogos acontecem em momentos precisos, curtos, e exprimem, mesmo que em pouca quantidade de palavras proferidas, todo um arcabouço cultural, um dialeto, um sotaque linguístico próprio e característico do sertão do nordeste brasileiro, uma tradição forte que se mantém nas famílias por gerações.

Todo o relevo local é cuidadosamente demonstrado em uma visão que se amplia com o desenvolvimento do curta-metragem e mostra todas as características da vida e da rotina dos personagens. Constituído por paisagens que nos remetem à aridez do sertão nordestino, o ambiente é uma réplica fiel do que encontramos em diversas localidades do interior do estado do Ceará, local onde a produção fundamentou a criação dos elementos que compõem o ambiente e os personagens.

O filme curta-metragem *Vida Maria* não carrega consigo uma ideologia própria do padrão cinematográfico do protagonismo exacerbado, não existem padrões de personagens televisivas e conhecidas do público, tampouco padrões de vida da elite social dominante. Não

⁶ PIES, N.; A concepção do *habitus* em Pierre Bourdieu. III SENAFE/Semana nacional de filosofia e educação: confluências – Vida, cultura e diferença. Eixo Temático 2: Filosofia, Educação e Ciência. Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Novembro, 2009.

há, na película em questão, uma tentativa implícita de forçar a reprodução, por parte do público, de um comportamento intrínseco à personagem Maria ou a qualquer outro personagem do curta. Não há uma tentativa de impor uma certa ideologia ao público, um auto-reconhecimento e identificação através das personagens no sentido de reprodução social destes papéis.

Contudo, certamente há em *Vida Maria* uma mostra não somente das paisagens ambientais e da rotina da população nordestina que se personifica no ambiente virtual, existe realmente, de forma direta ou indireta, uma demonstração das relações de gênero que desde tempos antigos presenciamos não somente no nordeste brasileiro, mas em todo o território nacional. A imagem do ser feminino como chefe de domicílio, muitas vezes ainda criança, quando adulta submissa ao domínio masculino que, no caso de inúmeras famílias do nordeste, é visto como tradição e muitas vezes uma alusão à virilidade e vigor do homem, centro das atenções da casa.

Conforme afirma Filho (2010) sobre a masculinidade nordestina:

No “teatro” da história do nordeste e da história do gênero masculino nessa região o que não poderia faltar na constituição do que é ser homem no nordeste era: valentia, coragem, destemor, virilidade e violência, no entanto, num espaço em que o “frouxo não deveria se meter”, a consequência advinda disso será a violência como um elemento constitutivo da existência do nordestino, mas também, como elemento que denuncia a crise de padrões masculinos existentes que contém e constitui a violência de gêneros como principal articulador das relações de gênero no Nordeste.

As Meninas-Mulheres-Precoce, adolescentes, muitas vezes crianças que tem de ajudar a cuidar da prole dos pais, abstando-se de uma infância que talvez nunca tenham dimensão de que perderam, vivem pacientemente e se submetem inconscientemente à dominação masculina, distantes de um mundo que ainda não descobriram, paraplégicas diante de alguma transformação em suas vidas. Para Filho (2010) não podemos esquecer que existe uma estruturação hierárquica e autoritária de gênero, dominante na sociedade nordestina, que vem sendo acompanhada da própria legitimidade social para atos de violência contra o feminino e de desprezo, medo e ressentimento por tudo o que ele representa.

3. *Habitus* e a Reprodução Social: Fundamentação Teórica

3.1 *Habitus* à luz de Pierre Bourdieu *et al*

Conforme Dubar (2000) Bourdieu (1983) e Lahire (1999) *apud* Setton (2002)

afirmam, Émile Durkheim faz uso do termo *habitus* em seu livro *A evolução pedagógica* (1995) que caracteriza-o como estado interior generalizado do indivíduo, estado este que monitora, orienta, gerencia suas ações de forma prolongada.

O *habitus* mantém sua relação com a cultura que o indivíduo está inserido de maneira direta, pois as primeiras relações sociais e percepções de funcionamento do meio social são fortemente influenciadas pela cultura local, um padrão de conduta que rege aqueles que estão participando daquele meio cultural. Para Bourdieu (1982, p. 349) *apud* Setton (2002, p. 62) sobre o *habitus* tem-se que:

[...] ao utilizar o conceito de *habitus*, Panofsky “mostra que a cultura não é só um código comum, nem mesmo um repertório comum de respostas a problemas comuns ou um grupo de esquemas de pensamento particulares e particularizados: é, sobretudo, um conjunto de esquemas fundamentais, precisamente assimilados, a partir dos quais se engendram, segundo uma arte da invenção semelhante à da escrita musical, uma infinidade de esquemas particulares, diretamente aplicados a situações particulares”⁷.

Sendo assim, o *habitus* é uma construção contínua e resultado de uma experiência diária, fundamentado no passado e que se representa no presente, uma cotidianidade. Desta forma, para Ronsini (2007) *apud* Sifuentes (2009) a cotidianidade familiar é o *locus* da sociabilidade, uma organização espacial e temporal do cotidiano. Assim sendo, percebe-se que o ambiente familiar está presente nas experiências diárias do cotidiano de grande parte das famílias que tem adolescentes e crianças em sua prole, sendo desta forma um referencial de comportamento e condições de funcionamento do meio em que estes adolescentes e crianças estão inseridos.

Assim sendo, não é raro observar diariamente em nosso país que, em famílias que tem sua prole masculina exposta desde um período muito cedo de suas vidas à cenas de violência domiciliar no que tange ao sexo feminino, existem crianças do sexo masculino que tem uma tendência a, na sua vida adulta, exercerem algum tipo de dominação implícita à sua cônjuge, que por sua vez passa ao lugar de submissa à esta dominação. Isto se deve ao fato de que cotidianidade familiar facilita, na maioria dos casos, a incorporação e reprodução social desta ação junto ao fato de que a única solução para que ocorram fatos da maneira que o homem dominante deseja é o desencadeamento de uma agressão física e verbal, afinal de contas ninguém será capaz de deter o domínio masculino desde que ele seja viril e agressivo.

Para Filho (2010) *apud* Scott (1990) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e uma primeira forma de dar

significado às relações de poder.

Segundo Bourdieu (2003) *apud* Santos (2009) acerca da dominação:

Para o efeito da violência simbólica, Bourdieu orienta que a adesão do dominado às estruturas de dominação é essencial, pois o sujeito passa a se avaliar segundo determinadas concepções. Dessa maneira, a violência simbólica é incorporada e legitimada sob aparência da normalidade, ou ainda, suave, insensível e invisível às suas próprias vítimas.

Em *Vida Maria* temos um exemplo drasticamente diferente do exposto acima de cotidianidade familiar. Todavia muito menos agressivo, porém deveras preocupante no que tange a imagem do ser feminino, pois se configura como uma certa condição pré-determinada, uma tradição que se estende por gerações de famílias nordestinas, a menina que não tem oportunidade de ler nem de escrever pelo fato de a tradição de sua região a colocar em uma posição, muito precocemente, de chefe de família, tendo que cuidar desde cedo de tarefas domésticas e trabalhos braçais, não lhe restando tempo para desfrutar da infância ou descobrir o mundo que está diante de seus olhos.

Esta situação não se encontra somente em famílias do sertão nordestino. Em todo o território nacional existem casos como este, porém, as ocorrências divergem em classes sociais econômica e politicamente superiores, e a gravidade de suas consequências vão aumentando exponencialmente em diversas realidades femininas, uma prisão que parece ser uma barreira intransponível e que a cada dia mantém reféns e vítimas não obstante classe social e etnia.

Para Pierre Bourdieu (2003) *apud* Santos (2009) acerca do *habitus*:

[...] existe uma determinada eternização das estruturas de dominação que faz com que os sujeitos dominados não reflitam sobre elas em nível profundo, de maneira a mantê-las naturalizadas ao longo da história. Nesse sentido, o conceito de *habitus* de que trata o sociólogo é fundamental. Em linhas gerais, o *habitus* seria como uma “disposição incorporada, quase postural”. Então, os indivíduos na sociedade⁸ já conhecem as condições de funcionamento do meio no qual se inserem, podendo garantir a estabilidade social e cultural da dominação. [...]

Garantir a estabilidade da dominação masculina sobre a feminina nas relações de gênero não é um fato isolado e raro de observar na sociedade dita contemporânea e pós-moderna que atualmente temos no planeta. Isto nos leva a acreditar que há duas maneiras de

⁸ Grifo nosso. Não existe, no filme curta-metragem *Vida Maria*, uma sociedade estratificada e regida por leis tal como grandes metrópoles, porém, os indivíduos que lá estão se agregam às leis e condições, modo de vida e funcionamento impostas pelo meio a qual pertencem, ou seja, há uma forte tradição que perpetua a disposição incorporada, assim, o *habitus*.

dominação que percebemos, a grosso modo, nas relações de gênero, uma de forma consciente e outra de forma inconsciente. Não obstante as punições existentes pelo código penal brasileiro para desrespeito à classe feminina, *conscientemente*⁹, o masculino exerce o ilícito usando para isso sua superioridade física quase inexorável contra o feminino diante dos olhos despidos da sociedade perante mulheres de todo o país. Inconsciente, palavra aqui usada para mostrar que o domínio masculino também é exercido de forma *encobertada*¹⁰ pela cultura regional, como é o caso do nordeste.

Quando nos referimos à forma encobertada pela cultura, nos voltamos para o fato de que as próprias mulheres não se dão conta de que desde tenra idade, muitas delas estão determinadas a viver como suas mães, ou seja, repetindo um *habitus* que se prolonga por gerações. Desta forma, o domínio masculino é exercido sem ao menos ser percebido por ambas as partes, a mulher casa com o homem e ela se dispõe a cuidar da prole, cuidar da comida, e das roupas, repetindo desta forma o cotidiano familiar para seus filhos que, não muito raro, repetirão o feito dos pais, perpetuando um *habitus* que silenciosamente se manifesta e se apropria do modo de vida destes seres humanos.

“*Cabra macho*¹¹ é aquele que tem a muié nas mão, fazeno comida, lavano a loça, passano a roupa, ora bolas, muié tem é que ficá em casa.” São palavras que outrora ouvíamos nos logradouros do interior do estado do Ceará, traços de uma cultura que sempre enfrentou dificuldades no que diz respeito à educação formal, população masculina que desde cedo sempre teve que mostrar que era forte para sobreviver, valente e viril, que ainda hoje, exerce um forte domínio sobre o feminino de modo que, às vezes inconsciente, não haja outros caminhos a seguir na vida senão o de manter a tradição hierarquicamente passada pelos pais.

4. Vida Maria: Uma Leitura Sobre o *Habitus* do Ser Feminino e a Relação com o Trabalho Rural

No mundo rural a percepção que as mulheres têm de seu trabalho é definido socialmente como um jeito de ser mulher. Sempre enredado com as lides domésticas, cujas tarefas não se expressam em relações monetárias e são, por conseguinte, esquecidas e desvalorizadas pela sociedade. Este véu que encobre o trabalho feminino rural é uma consequência da cultura patriarcal, de dominação

⁹ Grifo nosso. Expomos, de forma resumida apenas para título de exemplo, a forma consciente com que homens desrespeitam mulheres e o fazem mesmo sabendo das consequências e responsabilidades judiciais que isto acarreta em suas vidas sociais.

¹⁰ Grifo nosso. Reitero que, a tradição das famílias nordestinas exercem, de maneira inconsciente na maioria dos casos, uma dominação do masculino sobre o feminino no sentido de pré-determinado papéis sociais para ambos os sexos e, em ambos os casos, existem conviências que mantém a reciprocidade da omissão destes papéis perante sua cotidianidade familiar.

¹¹ Termo utilizado no dialeto nordestino para caracterizar um homem forte, imponente, destemido e que sobretudo, tem o domínio de sua mulher, fazendo dela uma chefe de domicílio.

masculina, que define a inferioridade do papel feminino em nossa sociedade. No caso específico das mulheres rurais, contudo, essa questão é mais acentuada, em virtude da introjeção, pelas próprias mulheres da ideologia patriarcal. [...] A dimensão da invisibilidade do trabalho feminino no campo pode ser visualizada, inicialmente, pela proporção de mulheres ocupadas sem remuneração, que é significativamente mais elevada na agropecuária, em comparação com os demais setores da economia. Nesta atividade, as mulheres geralmente exercem a produção para o autoconsumo não usufruem do mesmo status do trabalho masculino. (MELO & DI SABBATO 2000, p. 48-49 *apud* Jalil 2006, p. 52)

De forma sucinta e objetiva, o *habitus* que percebemos na película mostra a personagem Maria como uma Menina-Mulher-Precoce. Uma menina que desde muito cedo aprendeu a ser mulher, foi tratada como tal. O caráter doméstico com que a trama trata a personagem nos revela traços de uma geração que perpetua o mesmo cotidiano hierarquicamente como legado familiar, uma tradição que se estende desde os tempos mais antigos nas famílias do interior do sertão do nordeste brasileiro e que, quando encontrada em outras regiões do país com classes sociais politicamente distintas, se torna abruptamente mais complexa, se engendrando com fatores outros.

No início do curta-metragem temos a personagem Maria rabiscando seu nome em pedaços de papel em seu caderno no canto da janela de sua casa, logo em seguida, sua mãe toma-lhe a atenção de maneira repentina e ordena imediatamente que Maria se ocupe de tarefas outras mais importantes para a família, na concepção de sua mãe, do que apenas tentar escrever o nome corretamente na folha de um caderno gastando assim todo o tempo útil do dia. É evidente que a chance, talvez única, de Maria¹² aprender a ler e a escrever lhe fora tirada de maneira inconsciente por sua mãe, pois é inegável o fato de a parte materna desejar o melhor para sua prole, porém, nesta ocasião não há uma consciência por parte de sua mãe de que este fato, a oportunidade de sua filha se tornar uma pessoa diferente do que as que outrora existiram na árvore genealógica da família, está sendo silenciosamente arrancado de sua vida sem que ambas as partes percebam.

A inocência demonstrada neste momento por parte materna nos revela como a mulher, no nosso caso a menina da personagem Maria, ainda é vista como uma doméstica, como um ser feminino que carrega consigo um *habitus* que a coloca em um lugar centrado, desde um período da vida muito cedo, como chefe da casa, da comida, das roupas, e tantas outras tarefas que o ser feminino é silenciosamente incumbido, ora encobertada por uma tradição, ora forçada pela violência de que são vítimas todos os dias. Isto também ocorre devido ao silenciamento de ambas as partes, ou seja, para Bourdieu (2003) *apud* Santos (2010) existe

¹² Tomamos aqui o nome Maria para fazer um paralelo ao nome de todas as mulheres que compartilham a mesma experiência por todo o país, mulheres que constantemente tem oportunidades de aprendizado arrancadas de suas vidas de forma abrupta, ora por tradição familiar, ora pela violência exercida pela dominação masculina.

uma experiência que nos inclina a tomar o mundo como dado.

Esta forma de tomar o mundo como lhe é dado, se analisado na concepção do domínio masculino sobre o feminino, tem acontecido como uma omissão diante das diversas ocorrências de violência contra mulheres nos estados brasileiros, ou seja, ainda existem, na sociedade contemporânea pós-moderna, mulheres que, mesmo vivendo suas vidas submissas ao domínio masculino que talvez jamais consigam se inclinar, ainda permitem que suas atividades sejam controladas por fatores externos tais como as vontades de seu cônjuge. Nota-se que estes seres femininos não encontram, mesmo tendo mecanismos fortes de repulsão a este fato, uma forma de escapar de uma dominação que permeia silenciosa entre as relações de gênero nos diversos setores da sociedade e que adentra o campo da divisão social do trabalho entre masculino e feminino que hoje temos na sociedade. Para Bourdieu (2005) *apud* Jalil (2006, p. 49) “a divisão sexual que assegura a dominação masculina está fortemente presente nas práticas cotidianas, na ocupação e divisão do espaço, na organização do tempo”.

A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos. O primeiro antagonismo de classe que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. (ENGELS, 1984, p. 104 *apud* JALIL, 2006, p. 38)

Adiante no curta-metragem, percebemos a personagem Maria crescer e se desenvolver em meio à sua cotidianidade familiar. Maria cresce e, como era e ainda é de costume em diversas famílias nordestinas, conhece um primeiro e único, homem para se casar. Maria teria uma prole de oito crianças. Cuidando de sua família, repete durante a maior parte da vida o que sua mãe lhe ensinara, o ofício de cuidar da casa e dos filhos. Desta mesma forma em que Maria vive existem inúmeras Marias espalhadas pelo Brasil. Mulheres que mantêm um *habitus* inconscientemente repetido, uma cotidianidade presente em uma ordem familiar patriarcal¹³, durante todas as suas vidas, abstendo-se de um mundo que está em volta das mesmas para viver uma vida que por muitas vezes não mais pertence a elas devido a fatores outros, pois vivem submissas às vontades de seu cônjuge masculino.

Em *Vida Maria* não percebemos uma forma forçada de trabalho imposto ao ser feminino, pelo contrário, observamos que a personagem Maria trabalha desde muito cedo seguindo ordens maternas. Percebemos que estas ordens maternas seguem um *habitus* que se reproduz em sociedades patriarcais. Neste sentido surge a necessidade de analisar o

¹³ Entende-se por patriarcado os sistemas sociais em que a figura do homem tem poder sobre a mulher e o masculino tem uma valorização em detrimento ao feminino. É um referencial androcêntrico na estruturação social e na prática das relações sociais.

reconhecimento do trabalho nas relações de gênero. Para Jalil (2006) a esfera do reconhecimento do trabalho acontece em polos drasticamente diferentes, trabalho produtivo e trabalho improdutivo¹⁴. Em sociedade patriarcais o trabalho produtivo, que tem reconhecimento público e social, é, na maioria das vezes, exercido pelo homem, uma vez que o trabalho improdutivo, aquele que se limita ao espaço doméstico, é, na maioria das vezes, realizado pelo feminino. “Tal fato é dado pela hierarquização que atribui valores diferenciados às atividades desenvolvidas, geralmente relegando às mulheres o cuidado da casa e de seus moradores”¹⁵.

Como afirma Melo e Di Sabbato (2000) *apud* Jalil (2006) a supremacia masculina sobre o feminino permanece como uma marca fundamental e profunda da sociedade patriarcal. A inferioridade feminina é amplamente visível nas relações sociais no mundo rural. Existe uma naturalidade da divisão sexual do trabalho onde cabem às mulheres os afazeres domésticos deixando claro, desta forma, que o impacto do espaço da mulher no seio urbano não influenciou de forma direta as mulheres no seio rural. A modernização da agricultura, o lugar da mulher na produção de alimentos para a família no meio rural, são fatores que indicam que o ser feminino ainda não conseguiu, por completo, se distanciar da supremacia do masculino que a domina, na maioria das vezes, de forma silenciosa, sem que ambas as partes percebam.

Desta forma, para Jalil (2006), o *habitus* feminino das mulheres rurais não passa de um arbitrário cultural, fazendo com que a ordem social que compõe esta sociedade imponha uma significação e reconhecimento das tarefas e papéis sociais de cada elemento como natureza natural, gerando práticas incorporadas e repetidas pelo grupo social transformando-se em *habitus* sendo praticamente impossível desconstruir ou reconstruir o arranjo social.

5. Considerações finais

A realização deste trabalho surgiu da necessidade de analisar o filme curta-metragem *Vida Maria* em se tratando da perpetuação do *habitus* que o arranjo social do feminino no sertão do nordeste brasileiro impõe desde cedo às mulheres e suas relações com o conceito e a imagem do ser feminino no sertão nordestino que por sua vez pode também estar inserida no cotidiano de diversas outras mulheres que vivem no Brasil e que diferem em classes sociais

¹⁴ Não nos cabe, neste breve trabalho, expor a concepção de trabalho produtivo e trabalho improdutivo segundo K. H. Marx (1818-1883), embora devesse ser úteis tais conceitos diante da concepção deste autor, nos voltamos ao contexto e realidade social que nos propusemos a analisar desde o início, julgando, pois, que para estudar tal contexto e realidade social não será necessário a utilização da concepção Marxista de trabalho produtivo e trabalho improdutivo.

¹⁵ *id.*, *ibid.*

política e economicamente diferentes em se tratando de suas realidades complexas.

Ao analisarmos como o *habitus* é perpetuado observamos que existe um fator chamado dominância masculina que contribui sobremaneira tanto para a supremacia do homem quanto para o silenciamento da mulher em relação ao reconhecimento do seu trabalho e suas formas de submissão incorporadas à cultura local, ou seja, às condições de funcionamento do meio, à forma como o mundo é dado tanto para o homem quanto para a mulher, à forma como são incorporados os comportamentos, forma essa que torna difícil a construção ou reconstrução do arranjo social que se estende por gerações de famílias. Esta dominância masculina está dentro do curta-metragem de forma indireta. Porém, ao pensarmos no âmbito nacional, conseguimos perceber que este domínio acontece de forma mais ampla e complexa de acordo com os níveis de estratificação da sociedade.

Percebemos que o poder simbólico, fato que fora analisado nas páginas anteriores deste trabalho, possui um caráter determinante nas relações de gênero, pois ele é um dos responsáveis pela perpetuação do *habitus* feminino e pelo silenciamento de tal, ou seja, existe uma certa tradição, em famílias do sertão nordestino brasileiro, que contribui para que o modelo de sociedade, ou família, patriarcal se perpetue e seja mantido por diversas gerações dentro dos meios parentais.

Durante a análise do filme curta-metragem *Vida Maria* neste trabalho, concluímos que, mesmo com a ascensão da mulher na sociedade contemporânea pós-moderna e sua real valorização no mercado de trabalho, existe uma forte tendência para que o modelo de sociedade patriarcal que outrora tínhamos no país, dominação masculina e submissão feminina, seja mantido de forma silenciosa, ora pelas condições de funcionamento do meio ora pelo papel social que o ser feminino tem diante dos meios de comunicação de massa, a mídia televisiva, que tem o poder de difundir suas ideologias e formar opiniões mesmo que para isso tenha que oprimir de forma indireta seus expectadores dissimulando modelos e padrões de vida irrisórios que contribuem para manter um *habitus*, no que tange ao ser feminino, que torna-se difícil de se rearranjar socialmente ao passo que torna-se fácil sua reprodução social.

Referência Bibliográfica

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Trad. Jeni Vaitsman; Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL; Secretaria de políticas para mulheres; IPEA/instituto de pesquisa econômica aplicada; UNIFEM/fundo de desenvolvimento das nações unidas para a mulher. **Retrato das desigualdades de gênero e raça – Análise preliminar dos dados**. 3ª ed. Brasília, Setembro, 2008.

FILHO, V. S. O. da; **Tradição por um fio: Uma história das sensibilidades em relação ao espaços na crise dos padrões tradicionais de masculinidade no nordeste (1940/1980)**. 2010. 205 f. Tese de Doutorado em História do Brasil: Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói.

JALIL, L. M.; **Reconfigurações do e no mundo rural : as mulheres e o Habitus feminino /** Laeticia Medeiros Jalil. Natal, RN, 2006. 45 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Ciências Sociais.

PIES, N.; **A concepção do habitus em Pierre Bourdieu**. III SENAFE/Semana nacional de filosofia e educação: confluências – Vida, cultura e diferença. Eixo Temático 2: Filosofia, Educação e Ciência. Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Novembro, 2009.

SANTOS, J. S.; **A legitimação do silêncio no cotidiano da mulher negra brasileira a partir do filme *Bendito Fruto***. In: BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **6º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero – Redações, artigos científicos e projetos pedagógicos vencedores – 2010**. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, pág. 135 – 147, 2010.

SETTON, M. G. J. da; **A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Revista Brasileira de Educação, Maio/Jun/Jul/Ago, Nº 20, 2002.

SIFUENTES, L.; **Personagem de novela ou mulher da vida real? Mediações culturais na conformação da identidade feminina**. Revista de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense CONTRACAMPO; Niterói, nº 20, Agosto, Semestral, 2009.

VIDA MARIA (filme curta-metragem em animação 3D). Direção de Márcio Ramos, Produção de Joelma Ramos e Isabela Veras, VIACG e TRIO FILMES, Setembro, 2006. 8min, 34seg. son, color, 35mm.